



RUAS DE AREIA, MOLDURA DE UM BELO QUADRO CHAMADO JERICOACOARA.

Nossas poucas tralhas para dois dias foram desembarcadas da moderna jardineira. Retirando a **puaca** dos olhos, adentramos ao lobby do hotel, onde já estava um grupo de italianos.

Enquanto observávamos a estrutura do hotel, esticamos o maltratado corpo. Feito o *check-in* e com as malas acomodadas, nos dirigimos para conhecer o verde e aconchegante ambiente.

Instintivamente nos dirigimos para o lado oposto à entrada. Em algumas passadas, fomos surpreendidos por um frenesi de pessoas circulando sem pressa, em silêncio, olhando em êxtase para a mesma direção. O sol, o pôr do sol.

Acredito que só pode ser algo superior, acima das coincidências, que eu, Katia e meu filho Marcos Musy, sem ter planejado para tal, estivéssemos no momento exato do tão esperado pôr do sol, passadas mais de cinco horas de quando saímos de Fortaleza. Pura boa sorte.

Estávamos no lado leste da baía abrigada quando o sol, por trás de brancas dunas ao oeste, mais uma vez sobre centenas de olhares, adormeceu. Ficamos imóveis, parados por alguns minutos, como se todos nós tivéssemos combinado, esperando um *replay* do dito pôr do sol.

Logo em seguida, nossos anfitriões Miguel Leitão, Sônia, Gabriela e sua irmã Sarah, com seu esposo Ismael, juntaram-se a nós. O ambiente era diferente, passados poucos minutos do pôr do sol. Relatamos o que presenciamos e demos início a uma excelente experiência de vida.

Nenhum de nós conhecia o local e, desta forma, fomos caminhando vagarosamente sem mapa, GPS e sem nenhum compromisso com o relógio. Sem rumo.

A maré cheia nos obrigou a passar entre cadeiras e mesas dos bares e restaurantes à beira mar, já em clima romântico por conta da iluminação feita por candelabros.

Intensa quando chegamos, agora já não circulavam mais carros. O que considerei estranho para o início de uma noite de sexta-feira em uma pequena cidade turística no interior do Ceará.

Quando Miguel e Sônia nos convidaram para conhecer Jericoacoara, imaginei ser apenas mais uma das muitas colônias de pescadores que frequento desde os anos setenta, que deram origem às hoje mundialmente conhecidas cidades turísticas do extenso litoral do Ceará.

Nosso grupo de oito pessoas se misturou às centenas de pessoas de muitas origens que faziam o mesmo que nós: andava nas pequenas ruas e becos sem pressa, sem rumo e sem estresse.

Bateu a fome e com ela surgiu um bom problema: onde jantaríamos entre tantas excelentes opções de culinária local, nacional e internacional. Dificilmente erraríamos na escolha.

Pedra furada, árvore da preguiça, lagoas do Paraíso, Azul e Tatajuba, Duna do Pôr do Sol, dentre tantas belezas que nos encantaram, fazendo valer a pena os sacolejos de uma jardineira, longas caminhadas e muito sol.

Mesmo não agindo como tal, acho lógico pesquisar sobre um local ou cidade antes de ir, mas exatamente por agir desta forma, dou-me a oportunidade de surpreender-me.

Como uma pequena cidade no litoral do sol poente, surgida de colônias de pescadores, mesmo com diferenciada beleza natural, transformou-se num "CASE" de sucesso em turismo? Não tenho estas respostas, mas suposições tenho muitas.

Seria mais fácil relatar o magnífico pôr de sol que presenciamos do que descrever a complexidade e a profusão da cadeia econômica baseada no turismo que move esta cidade.

Existe uma organização, dentro do vai e vem de pessoas, bugres e jardineiras. Fiquei encantado com a percepção do clima amistoso, de tranquilidade, camaradagem e segurança.

A moldura costuma valorizar um belo quadro. Nesse sentido, foi ímpar conhecer Jericoacoara, onde em família tive a satisfação de descobrir que a mesma tem, como moldura, as suas ruas de areia.

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRO 0296 MA.